

HIBRIDISMO CULTURAL NA AMÉRICA LATINA

João Batista CARDOSO¹

■ **RESUMO:** O hibridismo cultural é um fenômeno histórico-social que existe desde os primeiros deslocamentos humanos, quando esses deslocamentos resultam em contatos permanentes entre grupos distintos. O continente latino-americano é um lugar por excelência para a ocorrência do hibridismo cultural, porque é um espaço de imigração e migração desde eras remotas. Todo sujeito migrante é um sujeito híbrido, porque, quando deixa sua terra, torna-se diferente, pois os outros homens que encontra na terra estrangeira têm outros costumes e outras crenças; ouve outro tipo de música e dança em outro ritmo. O ritmo que trouxe une ao que encontra e inicia o processo de hibridismo cultural. A palavra *sujeito* aqui, neste texto, tem o significado de *grupo* ou *comunidade*.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Hibridismo cultural. História. América Latina. Literatura.

O diálogo até então tímido entre escritores e artistas dos distintos países latino-americanos firma-se e evolui, ao longo do século XX. Esse diálogo resulta na identificação dos mesmos problemas e soluções e do mesmo espírito de nacionalismo crítico que conduz a classe artística a buscar, por meio de sua obra, o desvendamento e a denúncia das contradições que impedem o progresso do homem na sociedade. Essa postura conduz ao surgimento de uma literatura que transcende as fronteiras nacionais, identificando-se pelas mesmas figuras e temas, porque se realiza numa terra que divide uma história similar. Eis um aspecto subjacente ao hibridismo cultural.

A literatura é um espaço discursivo da manifestação do hibridismo porque o romance, ao refletir o mundo em busca da essência da realidade e do homem, descobre, analisa e relata “[...] a coexistência errante e paradoxal entre culturas, línguas e tradições distintas e muitas vezes irredutíveis entre si [promovendo] o encontro de águas sempre a convergir para uma terceira margem ou a figurar numa cartografia de meandros.” (SCARPELLI, 2004, p.177). Há nessas formulações de Marli Fantini Scarpelli a associação entre sucessividade e simultaneidade. Isto é, a *terceira margem* ocorre quando o hibridismo resulta em transculturação, já a *cartografia de meandros* aponta para a aculturação.

Mas quando se faz uma dialética da integração das literaturas de distintos países ou povos, deve-se partir do princípio de que há similaridades e diferenças, porque

¹ UFG – Universidade Federal de Goiás. Departamento de Letras. Catalao – GO – Brasil. 75704-020 – jbccard@gmail.com

a identidade cultural entre diferentes nações submete-se a parâmetros históricos particulares de cada povo. Essas distinções não são entraves para a identificação das semelhanças, visto que a América Latina tem sido palco de uma acentuada mestiçagem cultural. Afinal, o referido continente superou todos os outros no quesito dos encontros étnicos. Aqui já viviam os índios que receberam etnias africanas e européias vindas com sua cultura e promoveram com os ancestrais uma simbiose de arte, crenças e mitos.

A ênfase crítica sobre os aspectos da própria terra tomados no sentido regionalista foi inaugurada pelo Modernismo que superou os primeiros quatro séculos de imposição cultural, ao criar uma forma discursiva diferenciada. A causa desse fenômeno reside no fato de que o universo latino-americano foi um espaço de conquista, em que distintas forças mediram-se, aniquilaram-se ou sobrepujaram-se até que se firmasse um modelo autóctone de manifestação cultural, mas não de todo despojado das heranças deixadas pelas metrópoles ibéricas.

Quando se fala que a América Latina é um espaço privilegiado do pluralismo, do sincretismo, enfim, da hibridação que tanto deslumbram os estudiosos da cultura, não se pode esquecer que a imigração em massa de que o Brasil foi palco a partir do final do século XIX exemplifica uma espécie de segundo *boom* da hibridação, se for levado em conta que o primeiro *boom* deu-se com a chegada dos portugueses e dos escravos e o terceiro no decorrer do século XX, conforme referido no início deste artigo.

O incentivo à imigração feito pelo governo do Brasil no século XIX foi parte de um projeto de branqueamento da população, que se daria pela mistura entre os povos nativos, os escravos e os imigrantes europeus, acentuando uma mestiçagem em termos raciais e culturais. Depois que os escravos foram libertos sem a preparação para viverem como homens livres e assalariados, a agricultura tornou-se lugar de demanda de mão-de-obra. Em alguns países europeus, o desemprego levava algumas comunidades à penúria. O Brasil tornou-se, para essas comunidades, um novo eldorado.

As páginas das obras mais famosas da literatura produzida no século XIX mostram a fetichização do branco na sociedade brasileira. Para a comprovação dessa tese nem é necessário um recurso aos ensaios então publicados, basta uma leitura de obras como as de Joaquim Manoel de Macedo e de outros autores em que as escravas dignas de sofrer os dramas existenciais das heroínas românticas eram todas brancas, a ênfase nessa cor como item de ascendência social está presente também em personagens do *Mulato*, de Aluísio Azevedo. Essas obras, escritas no período escravocrata, apresentam, portanto, como protagonistas injustiçadas e com inteligência superior, as escravas que nasciam das visitas que os senhores da casa-grande ou seus filhos faziam às senzalas. Desses contatos nasciam escravos brancos ou mulatos, alguns com predominância de características físicas próprias

dos brancos. Essa valorização do branco, enquanto personagem de obras ficcionais, responde a uma tendência do pensamento dominante à época, quando se acreditava que os europeus fossem superiores. Essa crença motivou a imigração. Afinal, urgia substituir os traços da cultura africana, a partir da aceitação dos traços de uma cultura tida como hegemônica. Esse acontecimento, como aspecto dos elementos históricos envolvidos na colonização é parte de uma história iniciada, na América, em fins do século XV.

O que ocorreu com o Inca em sua relação com o conquistador é emblemático desses fatos. A ocorrência desdobrou-se a partir do momento em que Valverde, um frade a serviço do imperador dom Carlos, exige que o chefe inca Atahualpa converta-se à fé cristã, abdicando da crença em seus deuses. “Neste episódio acumulam-se significados muito intensos e diversos. De imediato, ninguém deixa de perceber que ali começa uma história violenta, feita de dilaceramentos e opressões, que ainda não terminou; tampouco se conclui o diálogo.” (POLAR, 2000, p. 288).

O diálogo inconcluso decorre de sua permanência e continuidade nos infindáveis conflitos travados em meio a mortes e opressões de natureza vária que marcam a vida na América Latina desde aquela época até os dias de hoje. Havia entre o religioso e o Inca e, por extensão, entre suas culturas, uma fronteira separando, de um lado, a escrita e, de outro, a oralidade. A voz do Inca representava séculos de poder, ancestralidade e mitos; a mudez do frei ocultava o discurso mais poderoso de então no mundo dos brancos: a Bíblia, que além de ser um código de conduta humana carrega os signos do sagrado. O padre não deixou ao Inca outra alternativa que não fosse a de aceitação e respeito. As diferenças entre ambos se acentuam como antagonizações que determinaram a história da América, iniciando-se com o fim do império incaico diante da rebeldia de Atahualpa.

É também com as mesmas características que a escrita penetra do lado de cá do meridiano de Tordesilhas, porque os jesuítas, imbuídos do espírito contra-reformista e da conquista como missão do Estado português e de Roma tinham nas mãos o catecismo católico e o breviário de orações como material de salvação e alfabetização. Daí se pode pensar numa América Latina com similaridades entre as distintas regiões devido a mesma forma de colonização, iniciando-se aí sua integração num grande bloco.

As similaridades em termos literários, no entanto, não ocorrem desde o início das produções literárias na América, até porque os períodos literários diferem no aspecto cronológico entre a América hispânica e a portuguesa. Um sistema mais amplo que abrange e uniformiza toda a América Latina e não apenas a América Hispânica separada do universo luso-americano surge somente a partir do século XX, quando a arte evolui para a consolidação de um sistema mais amplo.

Isso implica que a similaridade cultural refletida na literatura latino-americana é a culminância de um desenvolvimento literário submetido a um devir que, partindo

de uma paroquialização inicial da literatura, foi integrando-se, aos poucos, até se tornar, no século XX, um corpo único que reflete os mesmos problemas expressos em temas e formas similares, a despeito da existência, no continente, de distintas expressões literárias que ressaltam e expressam a heterogeneidade cultural da América; mas a heterogeneidade guarda um conteúdo subjacente de homogeneidade, como fundo que a manifesta. No contexto dessas afirmações caracterizo como homogêneo um discurso derivado de outros discursos que lhes servem de referência numa sucessão temporal sem início e fim discerníveis. Esse discurso homogêneo, como resultado da interação entre discursos, antecipa o conceito de transculturação, porque, ao guardar a heterogeneidade na homogeneidade, entende-se que os vários discursos que dialogam não tendem a um desaparecimento, mas à transformação permanente, como uma travessia dentro de uma história que aponta para o infinito, mas que não encontra a culminância terminal, porque se realiza num mundo que se abre cada vez mais para a mistura.

Em suas leituras de Ángel Rama e Darcy Ribeiro associadas à pesquisa de outras fontes, Ana Pizarro faz uma síntese em que traça um mapa da civilização latino-americana, indicando a posição geográfica e a ênfase cultural subjacente a cada grupo. Identifiquei seis áreas mostradas por Pizarro, mas cito apenas algumas, a título de ilustração, iniciando pela área “mesoamericana e andina” (PIZARRO, 2004, p.28), a cujos povos, de acordo com ela, Darcy Ribeiro (apud PIZARRO, 2004, p.28) denomina de “povos testemunho”. Ana Pizarro, em seu inventário de áreas culturais, refere-se aos povos nomeados por Darcy Ribeiro como *povos novos*, *povos transplantados* e assim por diante, sempre indicando os espaços geográficos habitados por cada grupo e as características de sua cultura.

Os *povos testemunho*, os *povos novos*, os *povos transplantados* e demais povos identificados por Darcy Ribeiro e listados por ela têm características que os diferenciam no âmbito cultural. Sua cultura, no entanto, é resultado de séculos de misturas e diálogos com povos autóctones e povos alienígenas. Além disso, esses povos estão dialogando entre si, o que faz com que se desenhem novas formas no rosto mutante da cultura latino-americana.

A literatura comprometida seja no sentido do engajamento, seja no âmbito do empenho (CANDIDO, 2001) tem sido um elemento de aproximação entre autores e textos na América Latina. A Revolução Cubana deu novo fôlego ao comprometimento no texto literário latino-americano, porque a conquista da liberdade em face da dominação americana criou uma nova utopia que moveu a sensibilidade dos intelectuais desta parte do mundo. Para demonstrar essa tese basta ler algumas páginas de Alejo Carpentier, sobretudo, na obra *La consagración de la primavera* e comparar com obras de outros escritores, como do brasileiro Antônio Tôrres (*Essa terra*), do peruano Mario Vargas Llosa (*La ciudad e los perros*) e do argentino Julio Cortázar (*Libro de Manuel*). O tipo de integração cultural proposto

neste parágrafo partiu de um viés ideológico, na medida em que pressupõe uma aglutinação de autores e idéias em torno do ideário de libertação oriundo de uma revolução socialista. A revolução citada é um momento-síntese na história e, por extensão, na cultura da América Latina.

A transnacionalização da arte não implica a perda da identidade cultural das distintas nações. Aliás, a cultura é o ente mais apropriado para diferenciar e caracterizar um povo, bem como para compreender as nuances de uma geração. É a cultura que fornece os modelos para o romancista construir sua obra.

Os movimentos regionalistas, comprometidos com uma análise e uma crítica da realidade têm marcado a literatura latino-americana, principalmente se for feito um recorte temporal que abranja o período que se inicia na segunda década do século XX. São movimentos fundamentalmente vanguardistas, tanto pela forma como pelo conteúdo com que se manifestam nas obras literárias. O regionalismo do período citado tem sido um elemento estético primordial para identificar e caracterizar a identidade da América Latina, porque as especificidades de cada região repetem-se nos distintos espaços geográficos e culturais do continente. Não se pretende com isso afirmar que o regionalismo seja ou pretenda ser desnacionalizador, pelo contrário, ele tem contribuído para definir uma identidade latino-americana justamente na medida em que se empenha na construção das identidades nacionais; isto é, na evidenciação da diferença. Além disso, o nacional tem se conjugado com o transnacional na América Latina a partir das trocas migratórias que, aos poucos, vêm diluindo as fronteiras culturais que separam os povos que a compõem.

O Brasil, num primeiro olhar, parece ter fronteiras culturais mais nítidas, em decorrência de sua colonização lusitana. De fato, há diferenças até mesmo entre países como a Argentina e o Chile, ambos falantes da língua espanhola. No caso brasileiro, além da variante linguística de base latina ser a língua portuguesa, acrescenta-se a intensa imigração de povos africanos, forçados a vir para a nova terra como escravos. Trouxeram sua cultura que, ao se chocar com as culturas indígenas e européias resultou num intenso cruzamento. Contudo, nos países da América Hispânica também houve cruzamentos, distinguindo-se, no entanto, pelo fato de que lá a presença dos negros teve tal timidez que não precisa ser considerada nos manuais de antropologia, ao contrário do Brasil, onde a presença dos africanos foi tão intensa que se pode falar numa africanização da cultura portuguesa gerando o que se concebe hoje como cultura brasileira.

Mesmo assim, é certo pontuar que a consciência de um universo hispano-americano diferenciado de um universo luso-americano não se sustenta, quando se faz uma adequada teorização do que é o mundo latino-americano. Isto é, quando se entende que a América Latina é um amplo espaço geográfico colonizado por dois países diferenciados como nações ibéricas, mas falantes de línguas de mesma base e vinculados historicamente às mesmas raízes culturais.

O fenômeno fica melhor esclarecido quando se considera que a América Latina tem uma cultura indigenista com mais força nas nações dos Andes que se diferencia, por exemplo, da cultura gauchesca que abrange a bacia do Prata (parte do Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina); porquanto essas duas culturas tenham traços diferenciais há, entre elas a comum herança ibérica que hibridou com distintos povos autóctones e alienígenas.

A migração do campo para as cidades, no universo latino-americano, é outro aspecto cultural de importância, pois, a partir da expansão urbana, o continente, antes formado por “[...] sociedades dispersas em milhares de comunidades rurais com culturas tradicionais, locais e homogêneas, em algumas regiões com fortes raízes indígenas, com pouca comunicação com o resto de cada nação [...]” (CANCLINI, 1997, p.285), transformou-se numa “[...] trama majoritariamente urbana, em que se dispõe de uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação.” (CANCLINI, 1997, p. 285).

A abordagem acima se aplica também ao caso brasileiro, sobretudo se acrescentarmos à expressão raízes sertanejas a expressão *raízes indígenas*. Isso aponta para o fato de que as culturas de empréstimo, que hibridam com as culturas locais, não produzem mudanças substanciais nas características das formas paroquiais (autóctones) de manifestação; pelo contrário, as formas culturais próprias de cada povo tendem a reforçar suas características quando postas em contato com formas alienígenas de cultura.

O contato entre culturas guarda vários momentos sucessivos que diferem dependendo dos contextos em diálogo. Se a cultura contatada tiver um grau de elaboração avançado, ocorre um enfrentamento, que se resolve pela convivência, de início tumultuada, mas pacífica, até que se inicia um processo de fusão periférica em que apenas certos elementos de uma ou de outra são adotados, gerando um processo contínuo de hibridismo. Mas o enfrentamento não é uma constante no contato inter-cultural; pode ocorrer também o deslumbramento, quando uma cultura se vê esgotada em suas formas de manifestação e busca modernizar-se adotando aspectos de outra que viceja num meio com maior desenvolvimento tecnológico. O enfrentamento pode ser exemplificado nas obras *A ferro e fogo: tempo de solidão* (v.1) e *tempo de guerra* (v.2), de Josué Guimarães, enquanto o deslumbramento, seguido da derrota caracteriza os personagens de *Essa terra*, uma obra de Antônio Torres. No primeiro caso, o enfrentamento ocorreu no contato entre os alemães e os brasileiros e, no segundo, deu-se o deslumbramento, no encontro do sertanejo com a cidade grande.

O hibridismo é, portanto, mais fecundo quando o contato se dá entre culturas oriundas de espaços mais distantes e, dessa forma, com distinções mais nítidas, porque culturas cujo nível de desenvolvimento possibilita o enfrentamento,

tendem a manter seus traços essenciais, homogeneizando-se numa nova forma de apresentação, mas as culturas que se deslumbram em face de outra, tendem a adotar os elementos dessa outra, quando o hibridismo evolui para a aculturação. Os retirantes de Antonio Torres são, nesse caso, aculturados e os de Josué Guimarães, transculturados, pois os alemães, ao chegarem à região do Rio da Prata, produziram o choque natural com os portugueses e indígenas que ali viviam, não somente porque chegaram em grandes grupos, mas também porque trouxeram um rosto cultural inteiramente distinto do que encontraram. O resultado desse encontro foi o surgimento de uma cultura que, no entanto, preservou os traços essenciais das culturas de origem. Quanto aos retirantes nordestinos de Antonio Torres partiam em pequenas levadas ou individualmente para espaços do próprio território pátrio.

Esse encontro cultural pode ser visto tanto num sentido antropológico como ideológicos. Quando os românticos, em sua fase nativista, articularam o modo de ser — em níveis ontológicos e culturais — dos indígenas a uma forma de apresentação européia, tinham em mente que a cultura da colônia estava passando ou passaria por uma mudança em direção ao abandono das práticas nativas e à adoção das práticas culturais européias, como parte do esforço de criação de um outro país que tivesse no cristianismo seu valor cultural maior. Este é um caso com ênfase ideológica. Os índios foram, em parte, dizimados e em parte aculturados. Quanto aos escravos, o desafio teve mão dupla. Sua cristianização não era ideológica, mas antropológica. O próprio Estado ignorava seus cultos. Mas, diante da resistência dos escravos que iam à missa num turno e no outro cultuavam seus deuses ancestrais, a igreja aceitou mudanças de início tímidas, mas que depois se intensificaram, adotando práticas africanas de culto, numa forma de hibridismo que evoluiu para o sincretismo. Portanto, ao ser desafiada, a cultura africana reagiu e fez com que a cultura do dominador cedesse naqueles pontos que considerou necessários para que tivesse um encontro.

Os países latino-americanos são, dessa forma, o resultado das misturas culturais oriundas do cruzamento de tradições indígenas, ibéricas, africanas e das atuais ações midiáticas. No caso indígena, suas tradições permanecem mais fortes na área andina; no caso africano, as tradições deixaram resquícios mais nítidos na região do Caribe e no Brasil, e no que diz respeito às tradições ibéricas, sua ênfase e permanência em toda a América Latina ocorreu a partir das ações educativas promovidas pelo catolicismo. As ações da mídia estão em curso e fazem parte do contexto globalizante que perpassa o planeta como um todo, principalmente a partir do momento cultural posto em movimento pelo Modernismo.

Seria o caso de acrescentar — considerando o fenômeno brasileiro — que esses países são o resultado também do entrecruzamento do legado africano e sertanejo. Isso implica que a segunda metade do século XX é o momento de culminância da mestiçagem cultural, onde os diversos estilos convivem, misturam-se e dialogam.

Ángel Rama define transculturação como “o processo de desarraigamento de culturas tradicionais para a formação de outra, processo de que, no mundo moderno, a América Latina seria palco privilegiado e exemplo dramático” (RAMA, 2001, p.23). Fernando Ortiz (1978, p.96, grifo do autor) justifica o emprego do referido vocábulo ao dizer que a transculturação

[...] expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra, porque este não consiste somente em adquirir uma cultura distinta, que é o que a rigor indica o vocábulo anglo-americano *aculturação*, mas que o processo implica também necessariamente a perda ou desligamento de uma cultura precedente, o que poderia ser chamado de uma desculturação parcial e, além disso, significar a conseqüente criação de novos fenômenos culturais que poderiam ser denominados *neoculturação*.

Transculturação e aculturação são, portanto, subconjuntos do processo de hibridismo cultural, mas diferenciam-se. A transculturação é a formação de outra cultura a partir de culturas tradicionais, enquanto a aculturação ocorre quando uma cultura é absorvida por outra. A teoria dos conjuntos ajuda a entender esses fenômenos. Isto é, a transculturação é uma espécie de intersecção precedida de uma união, em que conjuntos semelhantes vão se tornando iguais até o ponto em que se tornam um só com pouca ou nenhuma semelhança com o estado anterior. Caso os conjuntos permaneçam unidos no mesmo contexto, mas com traços diferenciais, mantém-se o estado de união, de aculturação, portanto. Conduzindo o fenômeno para a área da literatura, Flávio Aguiar e Sandra Guardini Vasconcelos (2004, p.88-89) explicam que

[...] a utilização inventiva da linguagem através do resgate de falas e modos de expressão regional ou local, a incorporação do imaginário popular, de formas narrativas e temas próprios, o abandono do discurso lógico-racional em favor da incorporação de uma nova visão mítica — todas essas são operações transculturadoras que, articuladas pelo romancista, resultariam numa síntese nova, superando os impasses dessa cicatriz de origem que é nossa condição de países pós-coloniais.

A globalização contribui para ampliar o alcance das misturas, porque promove a descentralização dos elementos culturais que, dessa forma, são apropriados por distintos povos e adaptados a diferentes culturas. Já se vai longe o tempo em que as hordas romanas impunham a religião e a língua aos povos conquistados, utilizando o poder das armas. Agora, a imposição tem dois fulcros. Por um lado, ocorre através de discursos ideologicamente orientados e sistematizados; por outro, deriva da sede de conhecer o que é estranho e experimentá-lo a fim de apropriar-se dele, mas sem abandonar o que é endógeno. Essa alternativa contemporânea da apropriação do que o outro traz ou do que encontra na terra estranha, mas sem abdicar dos

aspectos que diferenciam a própria comunidade leva o pesquisador dos fenômenos sociais a pensar na variedade e, a partir daí, formar um entendimento da totalidade. Esse tipo de visão está implícito na atitude do estudioso da literatura que, como Antonio Candido, entende que “[...] as literaturas hispano-americanas são divisões puramente históricas da atividade literária segundo cada nação, mas a realidade é transnacional.” (CANDIDO, 2001, p.268). Candido faz referência à realidade transnacional, devido à identidade cultural e histórica que se percebe nas nações que compõem o continente latino-americano. Dessa forma, a heterogeneidade é apenas formal, pois se limita à definição de fronteiras que separam países. São, assim, fronteiras políticas que se diluem num ponto, desaparecem noutra, quando se trata do aspecto cultural. Afinal, a partir do Modernismo, os textos literários em quaisquer de suas modalidades refletem toda a América Latina e não apenas os espaços percorridos pelo autor, pois os temas tratados são comuns aos diferentes países.

Se a realidade cultural latino-americana traspasa fronteiras e as literaturas nacionais de cada nação subsistem como estratégia nacionalista ou porque essa subsistência facilita, didaticamente, sua apreensão, posso conceber dois mapas que se entrelaçam: um mapa da história com suas revoluções e contradições, onde se traçam cenários e eventos que servem de pontos de partida para a construção de um mapa da ficção; isto é, há um mapa da ficção sobre o mapa da história. Mas é um mapa que deve ser visto na perspectiva de um devir, pois muda de configuração e formato na passagem do tempo, na medida em que se trata de um mapa cultural e não meramente geográfico, conforme se pode perceber comparando aqueles que enfatizaram a natureza quando viram a América entre o século XV e o XX. A América do primeiro momento difere, por exemplo, da que se apresenta no século XIX, pois entre esses dois períodos ocorreram os fatos mais prementes da construção do Modernismo, como, por exemplo, a divisão social do trabalho. Da mesma forma, há um fosso histórico a separar a América do século XIX da América do século XX. Assim, o mundo aparece tematizado de maneira distinta em Lizardi, que deu início ao romance no universo hispano-americano e em Antônio Tôrres que registrou as contradições da migração na segunda metade do século XX.

A despeito da extensão territorial do continente, as primitivas metrópoles deixaram sua língua de base latina, o Espanhol e o Português, que convivem, aqui e ali, com falares ancestrais, pois o esforço de preservação caracteriza certas comunidades isoladas que ignoram a mudança em suas formas de relações, tentando manter as configurações ancestrais de interação que costuravam a vida nos primeiros tempos de seu desenvolvimento. Isso é um testemunho de que os colonizadores impuseram sua língua, sua religião e seus costumes a poder das armas, após subjugarem as populações locais, como ocorreu aos maias, incas e astecas que se constituíam em civilizações com bom nível de organização.

Os novos vetores estéticos surgidos nas cidades formam-se de influências de elementos de dois âmbitos polares, ambos de espaços externos. Se, por um lado, as cidades são focos de imigração rural, por outro, recebem influências de outros estados da federação ou países. Neste último caso, as influências chegam tanto por meio da imigração como da mídia. As relações que as cidades mantêm com as duas formas de entrada cultural diferem sobremaneira. No caso das culturas alienígenas, sobretudo se vierem de países desenvolvidos, ocorre a submissão, ao passo que se buscam formas de se produzir uma ruptura das culturas rurais autóctones. São, portanto, dois processos de transculturação que ocorrem simultaneamente, mas não é adequado considerar como externo aquele que migra da própria região onde se localiza a cidade.

As sociedades da América Latina deslocam-se cada vez com maior frequência. Além do deslocamento, mesmo as comunidades que permanecem em espaço nativo têm contato com as grandes cidades já modernizadas e transformadas pelas influências de fora. Assim, não só a migração se torna fator da aculturação. Esta decorre também do deslumbramento de comunidades isoladas frente ao *novo* que descobrem em sua comunicação com as cidades, onde estão as elites intelectuais sempre predispostas a reciclar hábitos e formas culturais a partir do que recebem por meio da mídia e de contatos com o exterior.

Os processos de aculturação descritos nos parágrafos acima fazem parte da própria natureza dos intercâmbios entre os homens. Historicamente, no contato entre culturas díspares, aquelas que praticam formas de relações não canonizadas pelo pensamento humanista tendem a ser superadas a partir da adoção das culturas dominantes. Estas, entretanto, ao serem adotadas, passam por um primeiro momento em que dominam, mas, aos poucos, sofrem mudanças periféricas, pelo contato com resquícios da cultura autóctone. Essas mudanças periféricas penetram no âmago da cultura nova e a modificam, gerando, não raro, uma nova cultura, num processo de transculturação.

Não se pode ignorar também o fato de que, a partir do século XX, com o surgimento de uma literatura que passou a tematizar o próprio contexto imediato dos autores, apareceram escritores preocupados em recuperar as culturas desaparecidas, mas que vivem na memória coletiva ou latentes em espaços isolados. É o caso, por exemplo, dos modernistas da primeira hora e de João Guimarães Rosa, José María Arguedas e Alejo Carpentier, entre outros. Exemplificando essa questão em Carpentier, Ángel Rama diz que ele, ouvindo “[...] as dissonâncias da música de Stravinski, descobre e valoriza os ritmos africanos que no povoado negro de Regla, perto de Havana, vinham sendo ouvidos há séculos sem que lhes prestassem atenção.” (RAMA, 2001, p.214). Esse esforço de preservação é, dessa forma, uma característica do regionalismo, que reservou um espaço no contexto da cultura latino-americana para as culturas originadas em distintos lugares do

mapa geográfico do continente. Em *El zorro de arriba y el zorro de abajo* de José María Arguedas (1996), por exemplo, os zorros resgatam e relatam fatos mitológicos que costumavam as relações tribais nos primeiros tempos dos povos incaicos.

O hibridismo cultural é, portanto, um fenômeno natural e imanente na constituição e evolução da civilização. Sua manifestação é percebida com mais ênfase na arte em geral e na literatura em particular. Seja como transculturação, aculturação ou neoculturação, o hibridismo é o testemunho mais nítido de que, mesmo esforçando-se por preservar formas culturais autóctones, o homem está aberto a novas maneiras de interagir culturalmente, como mais um recurso de sobrevivência num mundo que tem a mudança como traço essencial.

CARDOSO, J. B. Cultural hybridism in Latin America. **Itinerários**, Araraquara, n.27, p.79-90, July./Dec. 2008.

■ **ABSTRACT:** *Cultural hybridism is a historic and social phenomenon that has existed since the first population movements, when they resulted in permanent contacts between different groups. The Latin American continent is a space for the occurrence of cultural hybridism by excellence, because it has been a place of immigration and migration since time immemorial. Every migrant subject is a hybrid subject, because, when they leave their land, they become different, because the other people they meet in the foreign land have other customs and other beliefs, listen to other kinds of music and dance to other rhythms. The migrants' rhythm unites with that of the people they meet, and the process of cultural hybridism starts. The word subject here, in this text, means group or community.*

■ **KEYWORDS:** *Cultural hybridism. History. Latin American. Literature.*

Referências

AGUIAR, F.; VASCONCELOS, S. G. O conceito de transculturação na obra de Ángel Rama. In: ABDALA JUNIOR, B. (Org.). **Margens da cultura:** mestiçagem, hibridismos e outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 87-97.

ARGUEDAS, J. M. **El zorro de arriba y el zorro de abajo**. 2.ed. Madrid: ALLCA XX, 1996. (Colección Archivos, 14).

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CANDIDO, A. Uma visão hispano-americana. In: CHIAPPINI, L.; AGUIAR, F. W. de (Org.). **Literatura e história na América hispânica**. Tradução de Joyce Rodrigues Ferraz, Ivone Daré Rabello e Sandra Vasconcelos. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2001. p.263-269.

ORTIZ, F. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Caracas: Biblioteca Auyacucho, 1987.

PIZARRO, A. Áreas culturais na modernidade tardia. In: ABDALA JUNIOR, B. (Org.). **Margens da cultura**: mestiçagem, hibridismos e outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004. p.21-35.

POLAR, A. C. **O condor voa**: literatura e cultura latino-americanas. Tradução de Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

RAMA, A. **Literatura e cultura na América Latina**. Tradução de Rachel La Corte dos Santos e Elza Gasparotto. São Paulo: EDUSP, 2001.

SCARPELLI, M. F. Águas turvas, identidades quebradas: hibridismo, heterogeneidade, mestiçagem e outras misturas. In: ABDALA JUNIOR, B. (Org.). **Margens da cultura**: mestiçagem, hibridismos e outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004. p.159-180.

